

A ÉTICA ECONÔMICA CALVINISTA segundo CALVINO

Jonas Araujo da Cunha *

RESUMO: O propósito central deste trabalho é, a partir de uma interlocução entre o clássico *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber, e os escritos de Calvino, provocar uma discussão sobre a necessidade dos historiadores que se dedicam ao estudo da ética econômica calvinista, atentarem para a vasta, eclética e disponível produção literária do Reformador de Genebra sobre este tema. Este procedimento que é inerente ao ofício do historiador, seguramente descortinará uma visão mais acurada de seus atos e de seus ensinamentos.

PALAVRAS CHAVES: Calvino, Ética, Economia.

ABSTRACT: The central purpose of this study is from a dialogue between the classic *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* by Max Weber, and writings of Calvino, lead a discussion on the need of historians who are dedicated to the study of economic Calvinist ethic of look at the vast, eclectic and available literature, the reformer of Geneva on the subject. This procedure, which is inherent in the office of the historian, certainly reveal a more accurate view of their actions and teachings.

KEY WORDS: Calvin, Ethics, Economics.

Apresentação

O historiador no exercício de sua vocação tem o privilégio de ter como objeto de estudo, o que Marc Bloch chamou de “o espetáculo das atividades humanas”. A interpretação deste *espetáculo* é um desafio que impõe, seguramente, um implícito código de valores traduzido em explícitas exigências morais. Fundamentos éticos que regem e norteiam este nobre ofício. “É essencial que os historiadores defendam o fundamento de sua disciplina: a supremacia da evidencia”. (HOBBSAWM,1998:286)

Dentre os tantos personagens da história cuja vida e obra tem sido objeto de diferentes e controvertidas interpretações – muitas delas notoriamente caricaturais - em evidente contraste com o extenso, disponível e abundante material de informações *autografadas*¹. ganha destaque o reformador João Calvino² que tem seu nome vinculado ao mais radical

* (*) Mestrando em História Social da Amazônia. UFPA.

¹ O termo esta sendo usado no sentido da ciência exegética e hermenêutica, ou seja, algo produzido pelo autor original ou uma copia autoritativa deste material original.

² Calvino foi um homem das letras. O acervo da literatura produzida por Calvino é extremamente vasto e variado- Livros, ensaios, catecismos, comentários e cartas- tornando o conhecimento de seu pensamento e de suas concepções algo muito disponível.

ramo da Reforma Protestante do Século XVI, o Calvinismo³. Um imponente sistema de interpretação teológica, cuja mentalidade ética teria fornecido – segundo a clássica obra de Max Weber – o elemento fundamental para o desenvolvimento do moderno capitalismo. Tal afirmação exposta neste clássico da sociologia moderna ganhou o status de verdadeiro *axioma* e por isso tem suscitado um ardente e centenário debate que “muito longe ainda está por se esgotar”.

O ano de 2009 certamente incitará um inevitável e midiático destaque deste controverso personagem da história do cristianismo e deste polêmico tema. Tanto em face de estarmos em meio a uma assombrosa crise planetária da economia capitalista – provocada por deslizamentos éticos segundo alguns analistas – quanto pelas comemorações em todo o mundo dos quinhentos anos do nascimento de Calvino. Cremos, portanto, ser bastante oportuno – num certo sentido até imperativo – chamar a atenção para o fato do pensamento de Calvino poder ser encontrado e conhecido na sua vastíssima produção literária. Fonte indispensável, para quaisquer interpretações e considerações sobre seus atos e obras. Uma postura já reclamada pelo seu primeiro biógrafo: “De fato, quem houver desejado expor com minúcias a vastidão das realizações que esta excelente pessoa levou a cabo, pelo espaço de vinte e três anos, aqui e fora, terá material para bem alentado volume”. (BEZA, 2006:105)

Max Weber ao escrever suas críticas a Sombart em sua *Ética* protesta que “até àqueles que se sentem contínua e decisivamente em desacordo com as opiniões de Sombart, rejeitando muitas de suas teses, tem o dever de fazê-lo **apenas depois de um estudo acurado da sua obra**. (WEBER,1996:144,nota 12 *destaque nosso*). Este imperativo ético é o que se reivindica daqueles que tem Calvino e o Calvinismo como objetos de estudo, fundamentalmente por que: “a verificabilidade histórica de afirmações, políticas ou ideológicas pode ser de importância vital, se for a base essencial de tais afirmações” (HOBSBAWM, 1998:287)

³ O termo Calvinismo passou a ser usado para identificar o sistema de interpretação teológica fundamentada numa confissão da absoluta soberania de Deus sobre todas as coisas. Para Weber (1996:71) no calvinismo “Deus não existe para os homens mas estes por causa de Deus” Kuyper, apresenta uma relevante exposição sobre os diferentes usos do termo *calvinismo* (2002:20-23)

Calvino, sua época e... suas lutas

Nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do estudo do seu momento.

Marc Bloch

O século XVI foi cenário de um intenso e extenso movimento de repensar a religião cristã, denominado de Reforma Protestante. Este eclodiu numa Europa em ebulição. Conjuntura na qual as críticas à poderosa Igreja Católica Romana atingiram seu ápice, tornando-se mais duras, diretas e eficazes. Coube ao monge agostiniano Martinho Lutero ser o precursor deste movimento. Indignado diante da mercantilização da fé, santificada pelo Papa Leão X e seu comércio de indulgências, Lutero, em 31 de outubro de 1517 publica suas “95 teses” dando início a impressionante fragmentação eclesiástica e doutrinária do cristianismo ocidental. Calvino tinha oito anos de idade.

Em poucos anos milhares de pessoas, de diferentes condições sociais e em diversos locais da Europa, passaram a viver uma religiosidade completamente diferente daquela que era ensinada pelo hegemônico clero romano e que fora vivida pelos seus antepassados. Rejeitando a supremacia papal, o culto aos santos e a virgem; os ensinamentos baseados na tradição e a cooperação das obras na justificação dos pecados. Passaram a confessar com alarido que somente a graça de Deus concedia ao coração do homem a fé em Jesus Cristo capaz de justificá-lo de seus pecados. Estes ensinamentos fundamentados no registro das Sagradas Escrituras, foram sintetizados nas belicosas bases da Reforma Protestante: *Sola scriptura, sola gratia, sola fide, solo Christi e soli Deo gloria.*

Dentre tantos líderes *reformistas* que propagaram estes pressupostos teológicos o francês João Calvino, é considerado por muitos o seu maior teólogo. Nascido em Noyon (França) em 10 de Julho de 1509, João Calvino, filho de um bem conceituado secretário da catedral da cidade, foi inicialmente educado para o sacerdócio, até que seu pai, em litígio com a liderança eclesiástica da cidade, decidiu encaminhá-lo para a advocacia. Foi provavelmente entre 1532 e 1533 que se ocorreu a sua conversão à Fé Reformada.

Após tomar conhecimento da verdadeira fé e de lhe ter tomado o gosto, apossou-se de mim um tal zelo e vontade de avançar mais profundamente, de tal modo que apesar de eu não ter prescindido dos outros estudos, passei a ocupar-me menos com eles. Fiquei estupefato, quando antes mesmo do fim do ano, todos aqueles que desejavam conhecer a verdadeira fé me procuravam e queriam aprender comigo - eu, que ainda estava apenas no início. (CALVINO, 1999: 38).

Sendo perseguido na França onde “muitos fiéis e santos eram queimados” buscou refúgio nos cantões suíços. Após um tempo em Estraburgo “escondeu-se” em Basiléia, aonde as terríveis notícias da perseguição aos protestantes lhe levaram a escrever a *Institutio Religionis Christianae*, aos 26 anos de idade produziu a sua *Opus Magna*. Publicada discretamente em março de 1535⁴, consistiu numa didática síntese e apaixonada defesa da *Fé Reformada*, como declarou: “para que os homens soubessem qual era a Fé defendida por aqueles a quem eu via sendo ignominiosa e perversamente difamados”. Foi endereçada – num longo prefácio - a Francisco I, Rei da França.

Ora, de ti se espera, ó generosíssimo Rei, que não desvieis nem os ouvidos nem o vigor do teu coração de uma defesa assim tão justa, principalmente quando se trata de uma questão da maior importância, qual seja – como se há de manter a glória de Deus na terra, como a verdade de Deus poderá reter a dignidade e como o reino de Cristo ira manter a sua integridade. Que assunto! É digno dos teus ouvidos, do teu julgamento e do teu trono real! Porquanto, este pensamento faz o verdadeiro rei: se ele reconhece que é um ministro de Deus exercendo o governo do seu reino. Ao contrario, aquele que não governa com a finalidade de servir à glória de Deus não é rei, é um salteador. (CALVINO, 2006: 36)

Após a temporada em Basiléia (Janeiro de 1535 a Março de 1536). Calvino fez uma viagem a Ferrara (Itália) e depois a Paris (junho de 1536) provavelmente para resolver questões familiares. Percebendo ser impossível viver sua fé na França, e almejando uma vida de “solidão e isolamento” decide partir para viver em Estraburgo. Como a estrada mais direta para Estraburgo estava bloqueada por forças militares ele foi forçado a pernoitar em Genebra - uma cidade legalmente *reformada* desde 21 de março de 1536. Ali, em julho de 1536 ele foi fortemente instado a ficar pelo reformador da cidade Guilherme Farel “não propriamente movido por conselho e exortação, e sim, movido por uma fulminante imprecação (...) dizendo que Deus haveria de amaldiçoar meu isolamento e a tranqüilidade dos estudos que eu tanto buscava (CALVINO, 1999: 40).

Nesta sua primeira estadia em Genebra (julho de 1536 a abril de 1538) assumiu a função de Pastor da cidade. Porém ao tentar, juntamente com os companheiros de ofício - Farel e Pierre Viret - estabelecer práticas religiosas e impor normas de condutas piedosas na comunidade, passou a sofrer forte resistências dos seus opositores, potencializadas pelo fato de “esquecerem de que eram apenas estrangeiros vindos da França, tentando estabelecer a

⁴ A *Instituta* como passou a ser conhecida foi revista e ampliada em sucessivas edições ate 1559. Os seis capítulos da primeira edição se dilataram para setenta e nove na quinta e última.

ordem numa comunidade suíça” (WALLACE,2003:24). O conflito entre as lideranças religiosas e as autoridades civis chegou ao seu ápice em abril de 1538 quando Calvino e Farel são instados a celebrarem a *ceia* de acordo com a *tradição de Berna*⁵ e, principalmente, darem o sacramento a indivíduos considerados por eles desqualificados foram banidos da cidade em 24 de Abril de 1538.

O projeto pessoal de Calvino de finalmente “viver num estado de privacidade, livre do peso e das preocupações de qualquer cargo público” (CALVINO, 1996:41) foi mais uma vez frustrado. Martin Bucer, repetindo a estratégia de Farel o convence a assumir o pastorado dos refugiados franceses em Estraburgo. Ali ele ampliará e reeditará a *Instituta* (1539), casa-se com Idalette de Bure viúva com dois filhos e recém convertida do anabatismo. Em 1540 recebe o convite do Conselho de Genebra para retornar ao seu pastorado. Após muito relutar, Calvino, movido como confessa, por “uma solene e conscienciosa consideração para com meu dever” aquiesce à convocação dos genebrinos. Ainda que com “tristeza, lagrimas, profunda ansiedade e abatimento” (CALVINO, 1996:42). Chega à cidade em setembro de 1541 e ali permaneceu até sua morte em maio de 1554. Mesmo uma síntese dos eventos e realizações de Calvino em Genebra nestes treze anos – que somos tentados a exhibir - seria extensa demais, e acabaria por comprometer a finalidade deste texto.

A importância de Calvino para Genebra **não tem sofrido desgaste**. Durante a Inauguração do Museu Internacional da Reforma (abril de 2005) uma obra de 4,1 milhões de Francos, Isabelle Graesslé sua diretora declarou: "Apenas 17% dos genebrinos se dizem protestantes, porém eles têm a consciência de que, sem Calvino e a *Reforma*, a cidade não teria sido mais do que uma pequena capital de província". O fato de ser incontestável que Calvino “sempre foi avaro de confidências pessoais” (DELUMEAU,1989:116) não pode nos desviar os olhos da generosa profusão nos seus escritos de minuciosos e precisos detalhes sobre a sua interpretação da Fé e da Vida Cristã. O que coloca qualquer pesquisador e estudioso destes temas diante de uma grande responsabilidade.

Calvino foi constantemente alvo de acusações: “fazem circular notícias ridículas a respeito dos meus tesouros; outros da extravagante autoridade e imensurável influência que, dizem eles, eu possuo; outros falam de minha mesa farta e de minha magnificência” (CALVINO, 1999: 45). A execução de Miguel de Servet é reputada como seu *crimen nefandum*. Em sua síntese sobre o pastor de Genebra, o historiador católico Jean Delumeau

⁵ “Os ministros receberam ordem para adotarem o costume de Berna de usar pão não levedado na Santa Ceia, de celebrarem as festas tradicionais da igreja e de usarem pias batismais de pedra na Igreja para seus batismos” (WALLACE, 2003: 25)

(1989:115-135) assegura que no caso de Servetus, como é mais conhecido o ativo propagador de escritos que negavam a trindade e o pecado original – Calvino aprovou de fato a sua condenação: Entretanto “aconselhara um suplício menos cruel, mas não foi escutado”⁶.

Quanto aos seus ensinamentos dois temas suscitaram contínuos ataques: Sua interpretação da *Ceia* “só porque não abraço suas noções grosseiras e fictícias concernentes a maneira carnal de comer a Cristo no sacramento”(CALVINO, 1999:47) e o seu ousado ensino sobre a Predestinação, que o colocaram desde muito cedo sob constante e intenso ataque

Só porque afirmo e mantenho que o mundo é dirigido e governado pela secreta providência de Deus, uma multidão de homens presunçosos se ergue contra mim alegando que apresento Deus como sendo o autor do pecado. Essa é uma calúnia tão estúpida, que num piscar de olhos se desfaria em nada, se tais pessoas não sofressem de coceira nos ouvidos e não sentissem profundo prazer em nutrir-se de tais discursos. (CALVINO, 1999: 44).

A Ética de Weber e os escritos de Calvino.

Provavelmente nenhuma obra *leiga* chamou tanto a atenção para o pensamento de Calvino quanto *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber. Mais que uma contestação à tese do *Modern Capitalism* de Sombart⁷ tem sido considerada por muitos, a mais competente crítica⁸ ao dogmatismo do materialismo histórico⁹. Ainda que seu autor declare, não pretender em hipótese alguma, ser o proponente de uma alternativa a esta teoria de interpretação da realidade: (WEBER,1996:132).

Embora não tivesse a pretensão de “substituir” a interpretação marxista, é inquestionável sua intenção de refutá-la: “Em relação à doutrina do mais ingênuo materialismo histórico, segundo a qual tais idéias se originaram como um reflexo ou como uma superestrutura da situação econômica, falaremos com mais detalhes a seguir” (WEBER,

⁶ Em 1903, um comitê das Igrejas Reformadas erigiu um monumento de granito em homenagem a Servetus no lugar de sua morte, com a seguinte inscrição: “**Respeitosos e agradecidos filhos de Calvino, nosso grande reformador, mas condenando um erro de sua época e crentes convictos na liberdade de consciência, de acordo com o princípios verdadeiros da Reforma e do evangelho, levantamos este monumento expiatório**” (WALLACE, 2003:70 negrito nosso)

⁷ Werner Sombart escreveu dois volumes sobre a origem “Do Moderno Capitalismo” neles procurou demonstrar o papel fundamental dos judeus como fonte do espírito capitalista.

⁸ Hobsbawm ainda que declare ser a abordagem teórica de Marx superior a de Weber, por ser a base essencial de todo estudo adequado de história reconhece ser ele seu único rival real. (1998:181)

⁹ Na sua expressão filosófica o termo aponta para a concepção de que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 1991:37). Em seu sentido mais empírico “designa uma visão do desenrolar da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade...” (BOTTOMORE, 1988:260).

1996:35). Weber não tentava negar o valor do “fator econômico” ele intenciona somente negar seu dogmatismo:

Cada tentativa de explicação deve, reconhecendo a importância fundamental do fator econômico, tomar em consideração, acima de tudo as condições econômicas. Mas ao mesmo tempo, não se deve deixar de considerar a correlação oposta. (...). As forças mágicas e religiosas e as idéias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas da conduta. Nos estudos aqui coletados, nos ocuparemos de tais forças. (WEBER, 1996: 11).

Weber procurou zelosamente alertar e esclarecer seus leitores quanto aos limites e propósitos de seu trabalho:

Neste estudo, podemos deixar claro de uma vez por todas, não se faz tentativas de avaliar as idéias da Reforma, nem no sentido social nem no religioso. Lidamos continuamente com aspectos da Reforma que poderão parecer para a consciência religiosa verdadeira, incidentais ou até superficiais.(WEBER, 1996: 61).

(...) Para a discussão que se segue dizer aqui, definitivamente, que não estamos estudando os pontos de vista pessoais de Calvino, mas sim, o calvinismo, e isto na forma para a qual ele evoluiu em fins do século XVI e XVII, nas grandes áreas onde teve influência decisiva e que foram, ao mesmo, representantes da cultura capitalista. (WEBER, 1996: 165 nota 7).

Se na concepção materialista a religião era, na melhor das hipóteses “o ópio do povo” e o protestantismo “essencialmente uma religião burguesa”. - afirmação vigorosamente refutada por uma parcela da historiografia contemporânea¹⁰ -, na interpretação Weberiana, a religião protestante, especificamente a calvinista, fora a fomentadora por excelência do capitalismo “a força mais significativa de nossa vida moderna”. Weber, em síntese, afirma que a ética calvinista, apropriada especialmente pelos puritanos¹¹, se constituiu num instrumento de vigoroso estímulo ao capitalismo, na medida em que, por causa de sua vocação¹² o crente empenhava-se em prosperar na sua atividade econômica, ao mesmo tempo em que, evitava com determinação, o desperdício de suas posses, seja pelo luxo ou pela

¹⁰ Maurice Dobb afirma que “poucos motivos mais parecem existir para considerar o capitalismo como filho da Reforma do que para sustentar, com Sombart, que em grande parte foi criação dos judeus” (1987: 19). O católico DELUMEAU é mais enfático e implacável: “A concepção marxista da Reforma pecou por anacronismo, ao transpor para o século XVI realidades e conflitos do XIX. As relações entre Fé e a mentalidade das massas lhe escaparam. Não ver nos debates religiosos senão epifenômenos, ‘floreando’, como escreveu Barbagallo, é recusar-se a compreender por que 15 000 calvinistas aceitaram morrer de fome em La Rochelle durante o cerco (1989: 251-263)

¹¹ O puritanismo foi inicialmente um movimento religioso iniciado na Inglaterra no século XVI inspirado na doutrina calvinista, que pretendia completar a Reforma da Igreja, que no parecer de seus militantes, ocorrera apenas parcialmente com o anglicanismo, e era, portanto, imperioso *purificá-la* dos vestígios do romanismo.

¹² O conceito reformado-calvinista de vocação diz respeito a chamada ou convocação que Deus faz ao cristão para segui-lo e servi-lo. Portanto tem várias dimensões: espiritual, moral e ocupacional.

opulência do viver, resultando naturalmente num acúmulo de capital. Contudo ele se apressa em explicar que se trata de uma consequência imprevista:

A salvação da alma, e só ela era o centro de seu trabalho e de suas vidas. Seus ideais éticos e os resultados práticos de sua doutrina eram todos baseados apenas nela, e eram consequência de motivos puramente religiosos. Teremos, pois, de admitir que as consequências culturais da Reforma foram, em grande parte, talvez até no aspecto particular em foco, resultantes inesperadas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores. Estas foram muitas vezes bastante distantes ou até mesmo opostas a tudo o que eles mesmos pensaram obter. (WEBER, 1996: 60).

Weber desconsiderou a chave hermenêutica da ética calvinista ao pressupor que “a teologia de Calvino deve ser distinguida do calvinismo: sistema teológico das necessidades da prática religiosa” (WEBER, 1996:174. Nota 49.) nos parece ser esta a razão da equidistância entre o que crêem os calvinistas e o que assevera o sociólogo alemão.

O princípio material do pensamento de Calvino era a soberania de Deus. Como Criador, Sustentador, Redentor e Rei, Deus é soberano sobre todas as suas criaturas, bem como sobre as ações destas. Esta doutrina estabelece a base e o fundamento para todas as demais. Caso alguma formulação doutrinária tendesse a transgredir a Soberania de Deus, precisaria ser ou reformulada, ou rejeitada completamente. (REID, 1990:48).

Em franca oposição a tese Weberiana, Delumeau conclui que “o protestantismo não engendrou em seus fiéis a mentalidade capitalista a não ser na medida em que perdeu seu tônus religioso e se tornou infiel a Calvino (DELUMEAU,1989:305). É precisamente este “tônus religioso” que deve ser considerado para se entender as implicações éticas do trabalho, dinheiro, lucro e riqueza no ensino de Calvino. Como afirmou um de seus mais engajados biógrafos:

Pelo fato de que outorgava a fe o campo inteiro da atividade humana, que o cristão deve submeter ao senhorio de Cristo, conferiu Calvino, incontestavelmente, ao trabalho, ao labor econômico e ao dinheiro, um lugar que não tinham até então e que devia permitir aos calvinistas ai engajar todas as virtudes humanas e sociais. (BIELER, 1990: 661)

Calvino objetivando ensinar a relação entre os bens materiais e a vida espiritual afirmava: “quando, pois, temos refeições a tomar, o quê beber e o quê comer, aprendamos a levantar os olhos para o Alto e de tal maneira aproveitarmos e servir-nos destes meios ordinários que saibamos que é Deus Quem nos alimenta: (BIELER, 1990: 410) e advertia: “a natureza contenta-se com pouco que vai além do uso natural e supérfluo. Não que usar das coisas um pouco à larga seja coisa em si condenável. Mas, a cobiça é sempre danosa” (BIELER, 1990: 417).

Comentando o conhecido Salmo 23 Calvino ressalva que “a prosperidade não só intoxica a tantos, guiando-os para além de todos os limites de sua jovialidade, mas também, engendra insolência, que os faz soberbamente erguer-se e pôr-se contra Deus (CALVINO, 1999: 510). Em suma, a prosperidade que graciosamente alguns desfrutam deve ser usada para ajudar aqueles que Deus, na sua sabedoria deixa passar privações: “o Senhor ordena que demos em justa proporção dos recursos que nos estão disponíveis, tanto quanto nossos fundos permitem, socorrendo aqueles que se acham em dificuldades, de tal modo que não haja alguns com extrema abundância e outros com extrema carência.” (CALVINO,1995:174).

Nesta perspectiva a tese Weberiana parece – em nossa percepção- distanciar-se profundamente o ensino Calvinista em especial, ao afirmar que a concepção de trabalho como vocação é um meio de atingir a certeza da Graça. (WEBER,1996:128) como afirma Bielér. “quando fala a Bíblia, da bênção do trabalho do crente e da maldição do labor do ímpio, jamais imagina uma correlação quantitativa que permita fixar a equação errônea demasiado freqüente imputada ao calvinismo: sucesso material = bênção, e vice e versa” (BIELÉR, 1990:527).

Em relação ao *espírito do capitalismo* se isto significa uma licença para a exploração do homem, o reformador adverte. “se eu contrato um homem pobre para trabalhar para mim e não lhe pago senão a metade, certo e que o defraudo em seu labor” (BIELER, 1990:547) e também “que vilania maior poder-se-ia encontrar que fazer morrer de fome e pobreza aqueles que nos provêem o pão por seu trabalho? (BIELER,1990:450) se, contudo, tem a ver o *espírito* com a liberdade econômica inclusive na questão dos juros como ele ensina ao interpretar o Salmo 15 “o lucro que obtém alguém que empresta seu dinheiro no interesse lícito, sem fazer injúria, a quem quer que seja, não esta incluído sob o epíteto de usura ilícita”

E finalmente, a tão explorada e dogmática relação entre progresso material e certeza (ou segurança) de Salvação é no mínimo um desdém aos escritos que substanciam a confissão teológica dos calvinistas de que a salvação e santificação são dons alcançados somente pela Graça de Deus. A doutrina da Prova, tão essencial à tese weberiana é total e absolutamente ausente da mente e da literatura Calvinista. Pois, torna as ações éticas que promovem o sucesso econômico, meritórias e acabam por fazer do crente co-responsável por sua salvação ou no caso do insucesso de sua danação. Nada mais anti-calvinista. A única prova que o crente é doutrinado a buscar de sua predestinação é a existência da fé em seu coração, pelo menos é o que se avulta nos seus muitos escritos e deveras isto se constitui o fundamento da escrita do texto histórico, a “supremacia da evidencia”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BEZA, Theodoro de. *A Vida e a Morte de João Calvino*. Trad. Waldir Carvalho Luz, Campinas-São Paulo. LPC publicações. 2006.
- BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo Casa Editora Presbiteriana. 1990.
- BOTTOMORE, Tom (editor). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1988.
- BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Portugal. PUBLICACOES EUROPA-AMERICA. 1997.
- CALVINO, João. *2 Coríntios*. Edições Paracletos, São Paulo. 1995
- _____. *O Livro dos Salmos*. Volume I. Edições Paracletos. Tradução Valter Graciano Martins. São Paulo 1999
- _____. *As Institutas*. Editora Cultura Crista. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo. 2006.
- DELUMEAU, Jean. *NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DA REFORMA*. Livraria Pioneira Editora. São Paulo. 1989.
- DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. LTC Editora. Rio de Janeiro. 1987.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Companhia das Letras, São Paulo. 1998.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. Editora Cultura Cristã. São Paulo. 2002.
- MARX e ENGELS. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)* EDITORA HUCITEC. São Paulo, 1991.
- PEYREFITTE, Alain. *A Sociedade de Confiança Ensaio sobre as origens e a natureza do desenvolvimento*. TOOPBOOK EDITORA, Rio de Janeiro, 1999.
- REID, W. Stanford. (Editor). *CALVINO e sua influencia no mundo ocidental*. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 1990.
- SIMON, Edith. *A Reforma*. Biblioteca de História Universal Life. Livraria José Olympio Editora. RJ. 1971.
- WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2003.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. São Paulo. 1996.